

NACIONALISMO E CONFEDERALISMO DEMOCRÁTICO NO CURDISTÃO: A DISPUTA PELO MOVIMENTO CURDO ATRAVÉS DO CASO DO DISTRITO DE SHINGAL

Nationalism and democratic confederalism in Kurdistan: The dispute for the kurdish movement in the Shingal district

Pedro Olavo Carregosa Campos ¹

¹Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil. E-mail: pedroolavoc.campos@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9643-2611>.

Recebido em: 30 mai. 2021 | Aceito em: 18 out. 2021.

RESUMO

Este artigo apresenta um breve panorama da atual disputa pela liderança do movimento nacional curdo entre o KDP iraquiano e o PKK de origem turca, um histórico das organizações, suas profundas diferenças ideológicas e um apresenta como a disputa que se dá no distrito de Shingal ilustra o maior conflito interno da política curda.

Palavras-chave: Curdos; Nacionalismo; confederalismo democrático.

ABSTRACT

This article presents a brief overview of the current dispute for the leadership of the Kurdish national movement between the Iraqi KDP and the Turkish PKK, a history of the organizations, their deep ideological differences and one presents how the dispute that takes place in the Shingal district illustrates the the greatest internal conflict in Kurdish politics.

Keywords: Kurds; Nationalism; democratic confederalism.

BREVE INTRODUÇÃO SOBRE O POVO CURDO.

O povo curdo se situa de forma desigual, na fronteira entre os atuais Estados do Iraque, Irã, Turquia e Síria. Como não há um censo unificado que apresente um acurado levantamento de sua população, usa-se aqui uma estimativa de 36 milhões², número geralmente aceito, mas que pode ser maior dado ao interesse de alguns Estados em diminuir artificialmente suas próprias populações curdas. Falam, os curdos, em sua maioria, as línguas *Kumancî* e *Soranî*. Línguas derivadas do tronco persa e que por motivos políticos usam alfabetos diferentes, a primeira usa o latino e a segunda o árabe-persa, isso por conta da dominação exercida por outros povos.

O termo Curdistão, ou terra dos curdos, foi usado na história pela primeira vez pelos seljúcidas, no séc. XII. Denominava uma população economicamente dividida entre camponeses e nômades que viviam circulando a região de forma sazonal em busca de pastos para criação de animais. Possuíam uma estrutura tribal de organização política, baseada em laços familiares e religiosos. Essas características existem ainda hoje na região e só viram mudanças significativas com a chegada de ideias nacionalistas na primeira metade do século XX e com a influência de lutas anticoloniais e revolucionárias na sua segunda metade. (Mcdowall,2004)

São justamente essas duas correntes de pensamento, o nacionalismo curdo e o confederalismo democrático oriundo de influências anticoloniais com experiências próprias da luta curda, que parecem disputar a hegemonia do movimento curdo e têm, hoje no conflito, o distrito de Shingal no Iraque, um dos principais palcos dessa disputa.

OS PRIMEIROS MOVIMENTOS NACIONALISTAS CURDOS

² Instituto curdo de Paris: <https://www.institutkurde.org/>

O nacionalismo é hoje um objeto de suma importância nas ciências humanas e sociais. Seu estabelecimento junto a forma Estado como cultura política predominante parece formar o paradigma de organização do poder na sociedade moderna. As diferentes explicações das causas desse fenômeno são muitas para serem exploradas neste artigo. A escolha, foi por usar o conceito de “produção de tradições” do nacionalismo proposto por Hobsbawm (1992), junto de “comunidades imaginadas” de Benedict Andersen (2008). Demonstrando assim, que a entrada dos curdos na modernidade tem seus processos de “imaginação” e “produção de tradições” em uma constante luta contra os Estados que se formaram, repartindo seu território com suas fronteiras. A Turquia, o Irã e o Iraque quando formam seus Estados, adotam uma política de hegemonização étnica que tem como objetivo fundar e cultivar seus próprios nacionalismos, essa ‘imaginação’ de suas nações é feita em detrimento do aspecto multicultural da região, sendo o povo curdo um dos grandes aliados do processo. (De Farias, Nogueira, 2018).

Não é incomum ler que os curdos são o maior povo sem Estado. Apesar de terem tido inúmeros emirados e formações políticas próprias ao longo da história, no século XX (Mcdowall, 2004), quando se definiram os limites da grande maioria dos estados modernos, os curdos ficaram sem um estado próprio. O motivo oficial foram dois acordos coloniais, o acordo de Sykes- Picot em 1916 e o acordo de Lausanne em 1923. Mas também há o problema interno curdo de ausência de um movimento nacionalista forte. Aqui apresentaremos duas visões diferentes do porquê da “ausência” de um nacionalismo curdo na época. Uma corrente nacionalista que busca a formação de um Estado curdo e uma corrente que propõe o confederalismo democrático, que pode ser descrito como uma proposta de sociedade sem Estado. Apesar de ambas assumirem, de uma forma ou de outra um pressuposto étnico curdo. (De Farias; Nogueira, 2018).

A corrente mais aceita atualmente aponta como causa da fraqueza do movimento nacionalista curdo no início do século XX, principalmente, a primazia da identificação com o islã em detrimento de um sentimento étnico-nacionalista curdo (Keskin, 2017). A filiação dos emirados curdos à liderança do império otomano como servos do Islã fez com que a elite curda instruída e que poderia liderar um movimento nacionalista, se visse mais apegada ao império e à religião. Com a queda do império otomano e a chegada dos diferentes nacionalismos na região esse quadro se transformou radicalmente.

Há uma visão crítica a essa, uma leitura feita por Hanifi Bariş (2016) que apresenta uma história de escolha deliberada por impedir tanto a dominação por parte de Estados estrangeiros quanto o surgimento de estruturas estatais próprias. Sua crítica vai de encontro à teoria de que os curdos não possuem um Estado por falta de consciência nacional e sugere que o povo curdo priorizou, e de certa forma ainda o faz, a autonomia local devido a “uma cultura política diferente e a uma compreensão alternativa do que é a liberdade” (Baris, 2016, p. 4). Essa teoria, como coloca o autor, pode não ser muito popular em uma era marcada pelo nacionalismo, mas é valiosa para explicar aspectos do caso curdo.

É razoável supor que a disputa atual da política curda comporta as duas visões tanto a do bloco nacionalista de um lado quanto a do bloco filiado ideologicamente ao “confederalismo democrático” do outro.

O NACIONALISMO CURDO E OS BLOCOS SUL E NORTE.

A queda do império otomano é por muitas vezes creditada ao crescente sentimento nacionalista dos povos súditos aos turcos. Todavia, leituras mais recentes distinguem o crescimento de um sentimento nacionalista do desejo de ruptura com o império em declínio, traçando uma nova e mais complexa abordagem do assunto que parece melhor acomodar as particularidades do caso curdo. Bajalah (2019) explica que a cooptação da elite curda pela burocracia imperial otomana não fazia exigências de submissão cultural e demonstra como há, na história do movimento nacionalista curdo, num primeiro momento, a coexistência do sentimento nacionalista curdo com o desejo da manutenção da estrutura imperial otomana pelos próprios fundadores do movimento, a exemplo do caso do jornal “*Kürdistan*”, primeiro jornal curdo, que fazia defesa de pautas culturais curdas e de maior autonomia, mas era contrário à quaisquer movimentos separatistas do império.

O conflito moderno entre os curdos e os povos vizinhos apareceu com o surgimento do nacionalismo, seja o turco na figura do Kemalismo de Mustafah Atatürk, o panarabismo do partido *Ba’ah*t, ou mesmo o nacionalismo persa pós-revolução. As tentativas de homogeneização da população ou por limpeza étnica ou por assimilação se tornaram uma constante forma desses Estados lidarem com sua “questão curda” (Mcdowall, 2004). Na luta contra esse quadro, surgem duas respostas do povo curdo. Uma se consolida ao sul e outra ao norte, uma nacionalista e outra que propõe o “confederalismo democrático” respectivamente. Todavia, ambas fazem parte do movimento nacional curdo como um todo. O nacionalismo curdo é, indiscutivelmente, um fenômeno moderno, que aparece em resposta aos nacionalismos árabe, turco e persa. Os processos de criação dos diferentes movimentos curdos devem levar em conta sua relação com os Estados em que estão situados, dado que é nessa relação de negação do nacionalismo do “outro” e afirmação de seu próprio nacionalismo que nasce o nacionalismo curdo (Vali, 2003).

O SURGIMENTO E CONSOLIDAÇÃO DO KDP COMO LÍDER DO CURDISTÃO DO SUL

O surgimento do KDP (*Partiya Demokrat a Kurdistanê*) Partido Democrático do Curdistão iraquiano tem suas origens, como em muitos processos políticos curdos, atravessando fronteiras, nesse caso, para o Curdistão iraniano. A liderança que fundou o KDP do Iraque, Mustafah Barzani, liderou uma revolta contra o recém-formado Estado do Iraque, em 1934. Também foi líder militar da breve, mas importante, república de Mahabad, república curda fundada em 1946, que teve apoio da URSS, mas que durou apenas um ano. (Keskin, 2017).

A sigla KDP, pertencia ao partido que comandava a república de Mahabad e possuía um programa de orientação socialista. Vale diferenciar que o partido fundado com o mesmo nome no Iraque, não possui as mesmas orientações e nem deixa muito claro seu projeto econômico.

Contudo, uma constante, desde sua fundação até os dias de hoje, é a luta pela independência e o estabelecimento de um Estado Curdo na região norte do Iraque. A fundação do KDP iraquiano, sob a liderança de Barzanî, inspira a fundação de capítulos do partido na Turquia e Síria. Esses partidos agem clandestinamente e compartilham dos ideais de independência nacional. Essa capilaridade também ocorre com outras organizações e compreendê-la é necessário para melhor entender a formação dos blocos Sul e Norte, centrais neste artigo.

Com a queda de Marhabad, Barzanî retornou a Suleymania, mas ali perseguido se exila na União Soviética por onze anos. (Keskin, 2017). Seu retorno é marcado por um curto processo de paz, seguido de guerras contra Bagdad. O processo de lutas e negociações dura até 1975, terminando com a derrota dos curdos. Após a derrota, há um racha no partido e forma-se o PUK (Yekîtiya Nîştimanî ya Kurdistanê) União Patriótica do Curdistão, dividindo a região entre o Norte, comandado pelo KDP, e o Sul comandado pelo PUK. Essa divisão sobrevive até os dias de hoje. Todavia, com a intervenção norte americana no Iraque e a consequente queda do regime de Saddam Hussein, novas possibilidades se abrem aos curdos.

O momento de enfraquecimento do Estado central iraquiano foi aproveitado e, em 2006, após longa negociação, os dois partidos estabelecem o KRG (Governo regional do Curdistão), que apesar de não ser um Estado independente, representa um inegável avanço nessa direção. O governo Regional do Curdistão, tem seu próprio parlamento e presidente, sistema de educação e língua oficial curda. Seu estabelecimento fortalece o sentimento de nacionalismo curdo na região. Sua capilaridade através de partidos “irmãos” nas demais regiões do Curdistão, somados ao poder advindo de uma estrutura semi-estatal, exercício hábil para-diplomacia (Danilovich, Abdurahman, 2017) e a exploração de recursos energéticos (Koç, 2020), colocam o KDP Iraquiano como uma das grandes lideranças políticas do universo curdo. Essa liderança tem seus adversários, sendo o de maior projeção e diferença ideológica o PKK.

O SURGIMENTO DO PKK, SUA REFORMULAÇÃO, A EXPERIÊNCIA DO PYD NA SÍRIA E CONSOLIDAÇÃO COMO LÍDER DO CURDISTÃO DO NORTE

Os conflitos entre os povos turco e curdo adquirem uma nova intensidade com a chegada do nacionalismo turco e a fundação da república turca, que impõe políticas de assimilação e limpeza étnica. Essa nova fase das relações turco curdas gera hostilidade entre os povos e rebeliões por parte da população curda. São exemplos de tais rebeliões, a revolta de Sheiks Said em 1925; a revolta de *Agirî* em 1930 e a revolta de *Dersîm* em 1937. Esses processos, contudo, não eram dotados de fortes sentimentos nacionalistas e eram mais ligados a lideranças religiosas insatisfeitas com a dissolução do califado otomano, ou revoltas feitas contra políticas opressivas pontuais. (Keskin, 2017). Grande parte da repressão era voltada à proibição da língua curda, seu uso em espaços públicos, na administração pública, impressos, rádio ou posteriormente TV. O Estado turco tentou impedir, ativamente o processo necessário para a formação de identidade nacional descrita por Andersen (2008).

O revés que viveu o povo curdo nesse período não gerou grandes mudanças em sua política até os anos de 1970. Nesta época, com um clima de abertura política, viram-se crescer o número de partidos, de associações e de órgãos de imprensa curda (Bozarslan, 2012). Não deve ser visto como coincidência, que o aumento de impressos em língua curda, pela primeira vez com grandes tiragens, na região, tenha sido acompanhado do aumento das ideias nacionalistas. Neste aumento se pode enxergar a importância da imprensa de massa em língua vernacular para a possibilidade da “imaginação comunitária” proposta por Andersen (2008).

O PKK (*Partiya Karkerên Kurdistan*), Partido dos Trabalhadores do Curdistão é fundado em 1978, por dissidentes da esquerda turca. Sendo em sua maioria etnicamente curdos, o grupo defendia que a luta curda deveria, naquele momento construir autonomia frente à esquerda turca. As pautas anticoloniais curdas não conseguiam muito espaço na esquerda turca. O grupo foi também inspirado pelas lutas anticoloniais de libertação nacional da época. O Partido surge sob égide ideológica do marxismo leninismo e com a intenção de expulsar o Estado turco das regiões de maioria curda, a fim de implantar uma república socialista curda, seu líder e fundador é Abdullah Ocalan (Jongerden, 2012).

Após uma série de derrotas militares e a prisão de seu líder, o PKK passa, na virada do milênio, por uma reformulação de seu programa. A mudança de uma guerrilha marxista que pretendia fundar um Estado curdo nos moldes do “socialismo real” para um movimento que pretende um autogoverno em uma sociedade “sem Estado” (Jongerden, 2019). Essa reformulação tem outras características marcantes. A mais destacada delas, trata da importância máxima atribuída à organização em promover ativamente o papel da mulher na liderança da luta curda, seja social, econômica ou militar. O partido, que já tinha em suas fileiras quadros femininos, dá em seu programa, lugar central a essa luta, criando a co-representação em cargos-chaves (um representante masculino e um feminino), sejam cargos políticos ou militares. Apesar de parecer estranha a escolha programática refratária a criação de um Estado próprio, essa mudança parece ser mais bem explicada pela proposta de Baris (2016), montando um cenário onde temos um bloco Sul, orientado por um nacionalismo tradicional, e um bloco Norte, orientado pelo “confederalismo democrático”, baseado na reformulação do PKK, ancorado em uma outra tradição de luta do povo curdo.

Com essa virada ideológica, o partido que já se via em difícil situação devido as derrotas militares sofridas e à prisão de seu líder, viu nos anos subsequentes sua base social se ampliar e, mais uma vez, sua política atravessou a fronteira, desta vez, para a Síria pós “primavera árabe” em 2011, com a finalidade de ajudar um partido jovem a organizar a causa curda na região, o PYD (*Partiya Yekîtiya Demokrat*) Partido da União Democrática, criado também para colocar o novo programa em prática, dado que não foi possível fazê-lo em solo turco. Vale mencionar, que o PKK tem sua base principal nas montanhas de Quandîl, região fronteira entre a Turquia e o norte do Iraque e que também possui ligações com um partido que compartilha sua ideologia no Curdistão iraniano o PJAK (*Partiya Jiyana Azad a Kurdistanê*) Partido da Vida Livre do Curdistão, tendo assim, presença em toda região do Curdistão.

O PYD foi fundado na Síria em 2003 e assumiu protagonismo na região norte da Síria logo após o início da chamada “primavera árabe”, se colocando como uma terceira força, diferente do governo e da oposição. Os curdos buscaram num primeiro momento, fazer segurança dos territórios e ocupar rapidamente o vácuo de poder deixado pelo Estado sírio. (Campos, 2019, p.26).

Foi nessa região que os princípios do “confederalismo democrático” de Abdullah Ocalan puderam, pela primeira vez, ser colocados em prática com maior liberdade. A experiência, contudo, é mais complexa nessa região, onde os curdos não são maioria absoluta e têm de formar arranjos de poder que contemplem diferentes grupos étnicos e religiosos. A negação da formação de um Estado não se traduz em um vazio institucional. O sistema político formado na NES (*Rêveberiya Xweser a Bakur û Rojhilatê Sûriyeyê*) Federação Autônoma do Norte e Oeste da Síria, consiste em uma experiência de democracia direta, que estabelece conselhos locais, municipais, e regionais onde deve haver paridade étnica, religiosa e ao menos metade dos integrantes do conselho devem ser mulheres. Essa configuração pretende criar as bases para uma melhor convivência entre os múltiplos povos que vivem na região, assim como estabelece os meios de autodefesa desses povos, criando milícias a exemplo das YPG (*Yekîneyên Parastina Gel*) Unidades de Proteção Popular e YPJ (*Yekîneyên Parastina Jin*) Unidades de Proteção da Mulher curdas (Baris,2020).

Esse modelo, se contrapõe ao modelo nacionalista do KRG iraquiano. Existem atritos e disputa política entre as duas forças em todos os cantos do Curdistão, mas também há exemplos de cooperação, como a luta contra o Estado Islâmico no cerco da cidade de Kobanî, evento em que as duas forças lutaram juntas. Atualmente um dos locais em que essa disputa se dá de forma mais intensa é na cidade distrito de Shingal, local onde habita a minoria Yazidi, vítima de genocídio por parte do Estado Islâmico (EI).

O CASO DO DISTRITO DE SHINGAL COMO PALCO DA DISPUTA ENTRE O BLOCO DO SUL E O NORTE

O distrito de Shingal é um território disputado pelo KRG e pelo governo Iraquiano. Sua população é de maioria Yazidi, minoria religiosa que fala curdo, mas se identifica como povo em separado. Esse povo foi alvo de uma ofensiva do EI em 2014, que resultou em 5000 mortes e, mais de 7000 pessoas, em sua maioria mulheres e crianças, escravizadas pela organização fundamentalista (Kaválek,2017). Durante essa ofensiva, as forças do KRG se retiraram. Contudo, uma outra força curda entra e opera um resgate de milhares de Yazidis do extermínio, o PKK.

A presença do KRG na região aumenta gradativamente após 2003, criando redes de patronagem e cooptando lideranças tribais com cargos políticos e inserção de parte da população Yazidi nas tropas de segurança. Contudo essa adesão se dá mediante a filiação ao KDP. O KRG também constrói escolas que ensinam na língua curda, promovendo a identidade nacional curda e sua própria liderança na disputa política curda como um todo. (Kaválek,2017). Todavia essa liderança foi consideravelmente afetada pela retirada frente ao EI, deixando a população Yazidi à

mercê dos fundamentalistas. Nesse vácuo de segurança o PKK entra de forma decisiva, colocando seus integrantes entre o EI e a minoria, salvando milhares e conseguindo um apoio na região que até então não encontrara.

A presença do PKK na região data de 2004. Ela fez parte do esforço de expansão da organização e consistia no recrutamento e formação de quadros, assim como a criação de estruturas políticas nos moldes de sua nova visão. Em Shingal, essa estrutura foi o TEVDA (*Tevgera Êzidiyan a Demokratîk û Azad*) Partido Yazidi pela liberdade e Democracia, apesar de seus esforços a organização não encontrou muita receptividade entre o povo Yazidi. Como relata Kevâlek (2017), já havia preocupação, por parte das lideranças filiadas ao confederalismo, de uma possível ofensiva do EI na região em 2012. Foram enviados quadros locais para treinamento e luta na Síria junto ao YPG, quando a ofensiva prevista ocorreu foram esses que retornaram e assumiram postos de comando na defesa local e hoje integram os postos chave da organização na região. A partir desse fato, as forças ligadas ao PKK assumiram um lugar mais firme na política local, desafiando a liderança do KRG passaram a assumir as ideias de auto-organização e autogoverno. Atualmente o distrito se vê sob uma mistura das duas forças. Esse conflito pode conter em sua resolução ou não, apontamentos para a região como um todo.

CONCLUSÃO

O povo curdo vive uma longa luta, primeiro pela sua existência e segundo, mas não menos importante, por poder imaginar sua própria comunidade e poder fabricar suas próprias tradições, como outros povos já o fazem. A questão nacional curda assume contornos tão complexos e ricos de particularidades que, para além dos especialistas na região, o caso curdo vem se tornando um objeto incontornável no campo do nacionalismo e da construção do Estado Nação.

O complexo emaranhado de fronteiras, povos e experiências que cruzam arbitrariamente o território do Curdistão, criaram, em contato com as lutas, a identidades e experiências locais, um arranjo político único. Se por um lado há um esforço de um bloco tradicional de criação de um Estado nação, que já tem base territorial e aparato proto-estatal, por outro há um bloco de difícil classificação e que desafia as forças regionais e propõe uma saída confederalista para a região.

Apesar da luta contra inimigos maiores, mais poderosos e mais bem estabelecidos, os curdos entram no séc. XXI. Com duas oportunidades, uma no Iraque e outra na Síria, de fazer um caminho próprio e experimentar suas formas de governo e nacionalismo. Todavia, como apresentado, a condução de seus profundos conflitos internos é de fundamental importância e pode a longo prazo ser mais um fator da ausência de um Estado curdo no futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andersen, B. (2008). *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo. Companhia das letras.

Bajalah, D. R. (2019) 'Kurdish responses to imperial decline: The Kurdish movement and the end of Ottoman rule in the Balkans (1878 to 1913)'. *Kurdish Studies*. Vol.7, p. 51-71.

Bariş, H. (2016) The Kurds: "A history of deliberate and reactive state-lessness". In: *Conflict, Insecurity, and Mobility*. London. Transnacional press. p.88-99

Bariş, H. (2020) 'Radical Democracy and Self-Governance in Kurdistan'. *E-international relations*. <https://www.e-ir.info/2020/12/15/radical-democracy-and-self-governance-in-kurdistan/p.1-9>

Bozarslan, H. (2012) 'Between integration, autonomization and radicalization. Hamit Bozarslan on the Kurdish movement and the turkish left'. *European Journal of Turkish Studies*, Vol. 14, p.1-19.

Campos, P. O. C. (2019) *Revolução e Democracia no Curdistão: A Questão Curda a Partir dos Escritos do Cárcere de Abdullah Ocalan*. Dissertação de Mestrado, Ciência Política / Universidade Federal Fluminense.

Danilovich, A.; Abdulrahman, H. S. (2017) 'Aiming at Secession: The KRG's Activism in the International Arena'. *UKH Journal of Social Sciences*, Vol 1, p.48-59.

De Farias, E. B. S. S; Nogueira, S. G. (2018) 'Retrospecto da Questão Curda e o Surgimento do Confederalismo Democrático'. *Revista de Estudos Internacionais*, 9(2).

Hobsbawm, E. J. (1992) *Nations and Nationalism since 1780: Programme, Myth, Reality*, Cambridge: Cambridge University Press.

Jongerden, J.; Akkaya, A. H. (2012). 'The kurdistan workers party and a new left in turkey: analysis of the revolutionary movement in turkey through the PKK's memorial text of Hari Karer'. *European Journal of Turkish Studies*, vol. 14, p. 1-20.

Jongerden, J. (2019) 'Learning from defeat: Development and contestation of the "new paradigm" within Kurdistan Workers' Party (PKK)'. *Kurdish Studies*, vol. 7, p.72-92

Keskin, N. (2017) 'Nationalistic Senses and Kurdish Politics in the Last Century'. *Nubihar Akademî*, 7, p43-64.

Koç, M. A. (2020) 'Russia in the Middle East: A New Perspective on the Corporatization of Foreign Policy'. *International journal of kurdish studies*, 6(1), p.104-119.

Keválek, T. (2017) *Competing Interests in Shingal District: Examining the PKK-linked Structures, Defusing Tensions*. Middle East Research Institute. Erbil, Iraq.

Mcdowall, D. (2004) *A Modern History of the Kurds*. New York. I.B. Tauris.

Vali, A. (2003) *Essays on the Origins of Kurdish Nationalism*. California. Mazda Publishers.